

Célia Marques Telles
cmtelles@ufba.br

Textos escritos por mãos inábeis, sua importância para o estudo da fonologia

Unable hands in writing texts, its consequence to the phonological studies

RESUMO - Considera-se, inicialmente, que o texto é, sobretudo, um documento de fatos lingüísticos. Assim, em filologia textual, a relação grafemático-fonética leva a duas considerações relativas ao comportamento metodológico: a necessidade de se fazerem lições conservadoras nas edições dos textos manuscritos e a possibilidade de que tais lições permitam fazer uma descrição fonológica a partir da *scripta* dos textos. Esses elementos da *scripta* são os indícios que não podem ser esquecidos pelo filólogo. A partir dos dados textuais, a análise ao nível grafemático-fonético permite inferir a realização de alguns fonemas, mas tal inferência é possível somente se a edição mantém fielmente a grafia do manuscrito. Nessa perspectiva, de acordo com a *scripta* do documento, podem ser apontados os erros óbvios (ou *lapsus calami*) e as variações do registro de língua do *scriptor*, que são as que serão consideradas na presente análise. Tomam-se dois exemplos de textos ligados à transposição fala/escrita. O primeiro deles é um conjunto de textos relativos a uma associação de comunidade afro-baiana, de mãos de africanos e crioulos libertos, editados por Oliveira (2006), um dos mais interessantes documentos da *scripta* de negros ou mestiços alfabetizados nos anos oitocentos. O segundo é extraído do material da pesquisa sociolingüística de Dermeval da Hora, no município de Vitória da Conquista (BA). Nos excertos dos textos oitocentistas editados por Oliveira (2006), cinco fenômenos podem ser apontados, enquanto os excertos dos manuscritos de D. Aureliana documentam a existência de quatorze fenômenos. Conclui-se, que a análise dos indícios apontados pelos dados da *scripta* poderá servir para mostrar caminhos no ensino da escrita da língua portuguesa, sobretudo nas comunidades periféricas e para a população de jovens e adultos.

Palavras-chave: *scripta*, língua do *scriptor*, português popular escrito, análise grafemático-fonética.

ABSTRACT - At first, it should be pointed out that a text is considered a document of linguistic facts. Thus, in textual philology, the phonetic-graphematic relation leads to two relative considerations concerning methodological behavior: there is a need for conservative lessons in the editions of manuscript texts and the possibility of such lessons allows one to make a phonological description from the *scripta* of the texts. These elements from the *scripta* are the evidence which cannot be forgotten by the philologist. From textual data, the analysis at the phonetic-graphematic levels makes it possible to infer the production of some phonemes, what is only feasible if the edition keeps the spelling of the manuscript. According to the *scripta* of the document, it is possible to point out the obvious mistakes (or *lapsus calami*) and the language register variations of the *scriptor* which will be the ones to be considered in the present analysis. Two examples of texts to the transposition speech/writing are taken. The first one are the texts related to an association of Afro-Bahian community, by the hands of Africans and free creoles, edited by Oliveira (2006), one of the most interesting documents of the *scripta* of black or miscigenated people were literated in the 1800's. The second one is taken from the sociolinguistics research material from Dermeval da Hora in the town of Vitória da Conquista (BA). From the excerpts edited by Oliveira (2006), five phenomenas can be pointed. In relation to the excerpts of manuscripts of D. Aureliana, 15 phenomenas can be observed. In summary, it is possible to state that the analysis of the evidence presented by the data of the *scripta* will be useful to show different paths in the teaching of written Portuguese language mainly in the peripheral communities and for the general population of youngsters and adults.

Key words: *scripta*, *scriptor*'s language, written popular Portuguese, phonetic-graphematic analysis.

Perspectivas da filologia textual: *verba volant, scripta manent*

A consulta ao Apêndice do *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* (Ferreira, 1972) mostra a seguinte definição para o provérbio latino: *verba volant, scripta manent*:

As palavras voam, os escritos ficam. Provérbio que se costuma citar para desaconselhar a confirmação por escri-

to de um convênio comprometedor, mas também para se aconselhar a fixação por escrito de um acordo que se tem interesse em não esquecer (Ferreira, 1972, s.v.).

A partir da segunda parte da definição pode compreender-se a razão da inserção deste provérbio no *caput* deste item. Ao considerar-se que a escrita tem uma função preponderantemente comunicativa, ainda que de utilização mais restrita do que a fala, ressalta-se o seu valor como documento da comunicação humana. Desse modo,

o texto, resultado do uso do código de sinais que transpõe para o suporte material o ato comunicativo, é, sobretudo, um documento de fatos lingüísticos. É nessa perspectiva que a filologia textual tem tratado os textos.

A filologia textual é, cada vez mais, comprovadamente, um instrumento de grande importância para o estudo lingüístico. Assim, é o texto que nos leva aos dados da língua. Desde os primórdios dos estudos da linguagem até finais do século XIX, tem sido o texto o documento para o estudo dos fatos de língua. Para grande parte desses dados, é necessário fazer o estabelecimento do texto: manuscritos – antigos ou modernos –, de inquéritos gravados, de toda espécie de documento de língua (Blanche-Benveniste, 1998a). Desse modo, o método filológico apóia a análise lingüística, ao fornecer com critérios um texto fidedigno. Por outro lado, elementos lingüísticos do texto estabelecido permitem – e têm sempre permitido – estudar a língua aí documentada.

O estudo da língua é o objetivo precípua da lingüística. A determinação do valor literário e histórico do texto pertence ao domínio da ciência da literatura. Na intersecção dessas duas vertentes estão os estudos filológicos que, hoje, como sempre, buscam sintetizar todos esses aspectos, recorrendo a vários procedimentos e metodologias, sempre abertos a toda gama de línguas e literaturas. A filologia utiliza a lingüística para estudar os textos, e a lingüística usa os textos para descrever a língua.

A *scripta* como documento de língua

Em lingüística histórica, desde os trabalhos de D. Ramón Menéndez Pidal, tem-se como certo que um fato de língua documentado “por escrito” deve estar existindo no uso há pelo menos três gerações. Nessa perspectiva, em filologia textual – quer debruçando-se sobre textos antigos, quer sobre textos modernos ou contemporâneos, literários ou não literários – busca-se preservar as características da *scripta*, na expectativa da comprovação desses fatos lingüísticos. Assim, os estudos das mudanças lingüísticas encontram apoio incontestado nos textos de edição cuidada, em especial seguindo os critérios de uma lição conservadora.

Essas considerações nos levam ao nível do estudo da escrita, a que N. S. Troubetzkoy, em 1935, em *Anleitung zu phonologischen Beschreibungen*, chamou “uma ciência pura da escritura” (Troubetzkoy, 1935)¹. A partir desse momento, aos poucos, desenvolve-se na lingüística uma vertente de estudos da escritura, que tem se encarregado do *estudo do sistema gráfico das línguas*

(Contreras, 1994, p. 123-143, 161-166). Tal nível de estudos tem sido denominado de várias maneiras: *grafognosia*, por Claudio Rosales; *gramatologia*, por Gelb (com sentido diferente daquele de Derrida); *grafologia*, *filografia*, *grafêmica*, por Hall; *grafonomia*, por Hockett; *grafemologia*, por Nikolaeva e Avram; *gráfica* ou *grafética*, por Robins; *grafemática* por Alarcos Llorach (Contreras, 1994, p. 123-124). Preferimos os termos *grafêmica* para designar tal nível de estudos, reservando *grafemática* como a forma adjetiva correspondente.

Em um artigo publicado na *Acta Linguistica*, em 1945, Vachek (1966) diz que o estudo concreto das escritas, assim como o estudo concreto das línguas escritas, tanto quanto a pesquisa sobre a teoria da escritura e da língua escrita ainda se achava “na infância” e que poucas conclusões definitivas podem ser apresentadas no estágio em que se encontrava a pesquisa. Lembra, então, que “[...] *writing is a system in its own right, adapted to fulfil its own specific functions, which are quite different from the functions proper to a phonetic transcription*” (Vachek, 1966, p. 157)².

A unidade da grafemática, ou *grafema*, apresenta variantes de forma e variantes contextuais. Entre as primeiras, destacam-se as marcas de leitura oferecidas pelas chamadas letras maiúsculas e minúsculas; entre as segundas, as diversas formas que esses grafemas adquirem conforme a sua posição na forma escrita.

A partir da *scripta* do documento, tanto se podem mostrar os erros óbvios (ou *lapsus calami*) – repetições, transposições, erros devidos ao contexto lingüístico ou extralingüístico, os erros de concordância, as autocorreções, as adições, as omissões, as confusões de palavras³ – como, o que é mais importante, as variantes textuais decorrentes do desempenho do que escreve, do responsável pela *scripta*.

A esse propósito, lembra Castilho (1995, p. 70) que a construção é o processo central de constituição da linguagem, seja falada, seja escrita, por meio da qual é feita a organização mental, é veiculada a informação, exerce-se a ação sobre o outro e tem lugar a exteriorização dos sentimentos individuais. Essa constatação, continua ele, dá lugar a dois outros processos discursivos, o da reconstrução e o da descontinuação, os quais procurará integrar numa teoria unificada que não separe a língua falada da escrita (Castilho 1995, p. 70).

A propósito da escrita, a *Segunda Partida* de Alfonso X resume certamente, diz Niederehe (1987, p. 65), “*Escriptura es cosa que aduce todos los fechos á remembranza*”. Nada mais completo e mais atual para o conceito de escritura.

¹ O excerto do que nos interessa foi traduzido para o francês (Troubetzkoy, 1969) e, depois, para o espanhol (Troubetzkoy, 1972).

² Traduzindo: “[...] a escritura é um sistema com suas próprias características, adaptado às suas próprias funções específicas que são bastante diferentes daquelas próprias à transcrição fonética”.

³ Veja-se, por exemplo, para esses erros óbvios Martínez Ortega (1999, p. 23-42).

Como assinala Geoffrey Sampson, os sistemas de escrita são claros instrumentos idealizados para a execução de uma tarefa, que podem desempenhar mais ou menos bem (Sampson, 1996, p. 15). São, a bem dizer, “um conjunto de símbolos escritos com um determinado conjunto de convenções para seu emprego” (Sampson, 1996, p. 16). Ivan Illich, no artigo *Um Apelo à pesquisa em cultura escrita leiga*, lembra que o alfabeto é a técnica empregada para que se registrem os sons da fala sob forma visível, sendo, por isso mesmo, o mais vantajoso tipo de notação (Illich, 1995, p. 43). Nessa mesma direção, afirma que somente a técnica do alfabeto permite que se registre o discurso e que se conceba o mesmo como a “língua” usada na fala (Illich, 1995, p. 52). Jeffrey Kittay, em *Pensando em termos da cultura escrita*, adverte que um dos maiores problemas da compreensão da cultura escrita é a incapacidade de especificar quais de suas propriedades são independentes da escrita (Kittay, 1995, p. 179). Adverte, entretanto, que qualquer tipo de cultura escrita é inicialmente dependente de um determinado código ou conjunto de códigos gráficos. Pergunta, então, o que a cultura escrita codifica sob a forma de escrita, respondendo simplesmente que “é a oralidade”, compreendida como tudo aquilo que é revisto pela cultura escrita, tudo que é comunicado, de viva voz ou não, desde que não seja escrito (Kittay, 1995, p. 180). Finalmente, afirma que a cultura escrita é muito mais do que a simples codificação e decodificação do oral, o qual, por seu turno, vai muito além do falado (Kittay, 1995, p. 181).

Em filologia textual, a relação grafemático-fonética leva a duas considerações relativas ao comportamento metodológico: a necessidade de se fazerem lições conservadoras nas edições dos textos manuscritos e a possibilidade de que tais lições permitem fazer uma descrição fonológica a partir da *scripta* dos textos. Clara fica, nessa perspectiva, a relação entre o escrito e o falado (*scripta x verba*). Passamos, então, ao conjunto denominado *texto*.

O que seria esse texto? É preciso ter em mente que a noção de texto, compreendida mais amplamente como atividade comunicativa, não se limita exclusivamente ao *texto escrito*. O texto é urdido através de um sistema de signos denominado língua, e o estudo da língua é objeto da Lingüística. Esse é o ponto de intersecção entre as duas vertentes da Filologia Textual.

Nessa direção, Lass (1997, p. 45) relembra as mais importantes informações fornecidas pela *scripta* de um texto. São elas:

1. a natureza do sistema de escrita e as suas possibilidades de representação;
2. o aspecto fonético e outras espécies de evidência do sentido dos grafos nos textos antigos;
3. a implicação histórica do conservantismo dos sistemas de escrita face às mudanças;
4. o uso das evidências métrica e rímica;
5. o testemunho dos foneticistas e gramáticos pré-modernos;

6. os problemas suscitados pela divisão de palavras e outras convenções;

7. o uso de algumas fontes como glossários e transcrições interlineares.

Esses elementos da *scripta* são os indícios que não podem ser esquecidos pelo filólogo, porque são eles que permitem o uso do texto para compreensão do momento cultural representado pelo texto (e pelo seu autor). Vale destacar, entretanto, que o mais importante é que se usem textos fidedignos, não nos esquecendo de que, enquanto não dispomos de um texto fidedigno, todas as operações hermenêuticas e críticas podem tornar-se arbitrárias, intempestivas e inseguras (Tavani, 1988, p. 53).

Ao considerar-se que a escrita tem uma função preponderantemente comunicativa, ainda que de utilização mais restrita do que a fala, ressalta-se o seu valor como documento da comunicação humana. Desse modo, o texto, resultado do uso do código de sinais que transpõe para o suporte material o ato comunicativo, é, sobretudo, um documento de fatos lingüísticos. É nessa perspectiva que a filologia textual tem tratado os textos.

Nessa simbiose entre a oralidade e a escritura, vale a pena lembrar o que diz Teberosky (1998, p. 9-17) na *Introdução* à coletânea de Claire Blanche-Benveniste, *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*, quando afirma que o oral não é homogêneo e, ainda que haja uma distribuição de frequência desigual das formas elaboradas entre o oral e o escrito, raramente se ouve um oral elaborado. Por outro lado, muitas das formas do oral são espontâneas, enquanto poucos escritos o são. Nesse aspecto não elaborado do discurso, pode-se estabelecer um paralelo entre o oral bem elaborado e a escrita, ou entre o oral e todos os rascunhos do escrito (Blanche-Benveniste, 1998a, p. 14). Por sua vez, os rascunhos – em francês, *brouillons* – lembram o retorno de duas metáforas: de uma parte, os observadores falam da vertigem provocada pela desordem e pelo caos dos rascunhos; por outro lado, uma nebulosa, uma nuvem, como afirmam Grésillon e Lebrave (1983, p. 8). Desordem, caos, nebulosa, ruídos que estão presentes sobretudo nessa oralidade não elaborada, considerada em paralelo a esses rascunhos.

Claire Blanche-Benveniste, ao considerar que os *corpora* de língua falada tomam como base a escritura ortográfica, chama a atenção para as dificuldades encontradas na escritura, pelo fato de essa não ser uma simples transposição da oralidade (Blanche-Benveniste, 1998b, p. 50-51); é necessário, portanto, usar-se um código de transcrição, gráfico, mas não ortográfico. É ainda Claire Blanche-Benveniste que chama a atenção para a escritura de textos por pessoas inexperientes, para os quais se deve dar tanta atenção quanto para os textos estudados pelos filólogos (Blanche-Benveniste, 1998a, p. 138). Algumas vezes, esses dois tipos de texto estão muito próximos, quer se trate de uma escritura, ainda de adaptação, de um texto antigo,

com base na escrita do latim, quer se trate de textos relativos à transcrição de depoimentos ou daqueles saídos de quem apenas sabe “ler e escrever”.

Narasimhan (1995), no artigo *Cultura escrita: caracterização e implicações*, assinala a existência de três possibilidades de representação do mundo modelado ou do mundo dos textos: a temporal, a espaço-temporal e a espacial. Na escala espaço-temporal estaria inserida a escrita/oralidade. As representações seriam “ao vivo” ou com o auxílio de equipamento (filme, gravação, meio eletrônico). Uma dessas representações “ao vivo” é a *scripta*: forma, inclusive, através da qual se pode re-representar o gravado, com o auxílio de um código baseado na ortografia.

Os critérios de transcrição e de reprodução adotados devem levar em conta a especificidade dos manuscritos estudados, bem como a necessidade de se tornar esta transcrição a mais rigorosa e inequívoca possível, respeitando o movimento da escrita, suas hesitações, seus equívocos e as marcas dos incidentes caligráficos (Reis e Milheiro, 1989, p. 201). Por outro lado, no campo das transcrições de inquéritos lingüísticos gravados, recomenda-se o estabelecimento do texto através da chamada transcrição grafemática, buscando reproduzir fielmente a variante lingüística registrada. Como lembra Marcuschi (2001, p. 47), a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem, mas a passagem de uma ordem para outra ordem. Assim, em qualquer hipótese, não devemos interferir na transcrição do texto.

Som e letra

O campo da filologia textual, em especial no que tange ao meu objeto particular de pesquisa, *som e letra*, remonta ao conceito de letra corrente nos gramáticos quinhentistas, como se lê na *Gramática da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1975 [1536]), o primeiro gramático da língua portuguesa. Adverte Fernão de Oliveira que o próprio de cada letra entendemos na particular pronúncia de cada uma e que comumente chamamos aquela parte da pronúncia de força em que uma se parece com a outra. Segundo Quintiliano, nisto consiste o saber ler, e mais que saber ler. Continua, então, Fernão de Oliveira, dizendo ser verdade que, “se não tivermos certa lei no pronunciar das letras, não pode haver certeza de preceitos nem arte na língua”, e que “cada dia acharemos nela mudança não somente no som da melodia, mas também nos significados das vozes, porque só mudar uma letra, um acento ou som, faz ou desfaz muito no significado da língua” (Oliveira, 1975, p. 51-52). Desse modo, a letra, para os gramáticos quinhentistas, é a combinação da sua forma com o seu valor fonético, isto é, uma união

grafema/fonema.

O estudo das relações grafemático-fonéticas que permite, a partir dos dados textuais, inferir a realização de alguns fonemas só é possível se a edição mantém fielmente a grafia do manuscrito. Assim, Ramón Menéndez Pidal pode afirmar sobre a língua da gesta *Roncesvalles*, datada do século XIII: “*El lenguaje del fragmento en parte corresponde geográficamente al carácter de la letra del escriba; es decir, ofrece algunos rasgos propios de la región navarro-aragonesa*” (Menéndez Pidal, 1976, p. 21)⁴. Assinala, em seguida, que o documento apresenta a grafia navarro-aragonesa para as palatais:

- <yll> a mais geral, <eyll> <y|> equivalem a [λ]: “Fiz uos cavayllero aun preço tan grande” (v. 68), ao lado da leitura crítica “fizvos cavallero a un preço tan grande”; “Prenden agoa fria al Rej com eilla dauan” (v. 100), ao lado de “prenden agua fria, al rei com ella davan.”; “Sa que la de mororos uostornastes la ayla”, junto a “saquéla de moros, vos tornáste-la alláe.” Registrando-se também a grafia castelhana <ll>: “Sallj me de françia atieras estraynajs morare” (v. 64), frente a “Sallíme de França a tierras estrannas morare”;
- <yn>, de uso dominante, <yynn> equivalem a [ñ]: “Des peynos del cauayllo tan grant duelo que faze” (v. 86), ao lado de “despennós del cavallo, tan grant duelo que faze.”; “Agora plogujes alcriador amj seynnor Jhesu christo” (v. 79), junto a “¡Agora ploguiés al Criador, a mi sennor Jesuchristo.”;
- <yx>, <x> depois de <i> equivalem a [j]: “Dodeyxastes a Roldan djgades me la uerdade” (v. 19), frente a “¿do dexastes a Roldán?, digádesme la verdade.”; “El Rey quando esto dixó Cayo es mortecjdo” (v. 82), junto a “El rey quando esto dixó, cayó esmortecido.”;
- <yh> equivale a [t]: Por *uuestra* amor ariba muychos (Menéndez Pidal, 1976, p. 23) me foljan amare” (v. 38), ao lado de “Por vuestra amor arriba muchos me solían amare”.

Já foi assinalado que, de acordo com a *scripta* do documento, podem ser apontados tanto os erros óbvios como as variações do registro de língua do *scriptor*. Isto, por exemplo, é o que se pode ver na transcrição de texto escrito por “mão inábil”, ou que deseje passar por tal, como é o caso de uma *Carta anônima a El-Rei N. Señr. de hum vassalo*, datada de 1822, um manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, reproduzido por Herkenhoff (1996, p. 113), escrito em letra capital, que mostra propositalmente desvios de língua, com o intuito de reforçar o anonimato.

⁴ Traduzindo: “A linguagem do fragmento em parte corresponde geograficamente ao caráter da letra do escriba; isto é, oferece alguns traços próprios da região navarro-aragonesa”.

	NÃO SEDE ZARME
	VMNÃO MANDE ASTR
	OPAS O FIM DOS MAL
	VADOS BRAZILEIROS
	HE DE ZARMALO
	VMTEMAqUIPO
A ELREIN.SENR	RTUZES SABIOS
DE HUM VASALO	OUCAOS
	DEZAPARE
	CAO PAULO LUIS MO
	qUEIRA CARNEIRO FRNCA TAR
	GENI. GAMEIRO LAIE FREIT
	AS
	SEGURESE VM
	qUE ESTAA TEPO

Outro exemplo bastante ilustrativo da importância da lição conservadora é encontrado na tese de Oliveira (2006), que editou atas baianas oitocentistas, relativas a uma associação de comunidade afro-baiana, de mãos de africanos e crioulos libertos. O texto é um dos mais interessantes documentos da *scripta* de negros ou mestiços alfabetizados nos anos oitocentos. É dele o seguinte excerto do Manuscrito 1, de Manuel da Conceição, datado de 21 de outubro de 1834, transcrito (Oliveira, 2006, v. 2, t. 1, f. 517):

	Aos Vintes hum do mês de <i>outubro</i>
	de 1834 estando o Juis emais
	mezario emeza Compreta
	direberraro <i>que</i> quanto antes
5	Catiar ce o <i>Irmaõ</i> Ex <i>para</i> hum
	Junta no dia 1 de Nouenbro
	pela 8 ora da Menha em =
	uertude de dar Compimento
	a pogetos oferecidos A deuo-
10	caõ efimeza do <i>que</i> asinamo ⁵

Fatos fonéticos a partir da *scripta*

Foram selecionadas duas séries de textos, a primeira delas relativa a documentos escritos por africanos e crioulos libertos, datados do século XIX, a partir da tese de Oliveira (2006). A segunda é extraída do material da pesquisa sociolinguística de Dermeval da Hora, no município de Vitória da Conquista (BA).

Atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos (séc. XIX) (Oliveira, 2006).

f. 507	L. 4	Commonico
	L. 7	Imperterivelmente
	L. 10	Serto

f. 840	L. 3	Ceçaõ
	L. 10	Dispezas
	L. 11	Sosio
	L. 12	ho Relatoro
	L. 13	Dispeza do Pedeiro
	L. 14	Des monstrativo de Dispeza e Reseitas
	L. 17	Jonal
	L. 18	Sosios
	L. 21	Sosio Tezorero

f. 863	L. 3	Fesçe
	L. 5	Duentes e tao bem
	L. 8	Deuse taõ bem
	L. 13-4	com for / me
	L. 15-16	e eu q(ue) o fis e Sobre / Escrevi

Textos de D. Aureliana⁶

DA 1	L. 4	muinta huniaõ
	L. 4-5	Santo / o ofisio
	L. 6	ele ia rezá Com migo
	L. 7	com ele
	L. 8	na quele tempo a jente criava muito
	L. 9	Matase
	L. 10	Pizar
	L. 11	i eu almucava
	L. 14	i fomos
	L. 15	i criar juntos com muito
	L. 17-8	i vendeu a parte dele da terra que nos / hera sose
	L. 18	i ele
	L. 20	i a Saudade
	L. 22	i naõ esquia
	L. 23	Ofisio
	L. 24	Faleceu
	L. 25	Faliceu
	L. 27	i a Saudade
	L. 29	i na mesma terra eu moro criu meus filhos
	L. 30	i estaõ todos aranaxados na mesma terra

DA 2	L. 2	conhicado do nosço
	L. 3	Nosso, nosços
	L. 4	ele e o suseçor
	L. 5	a conpanho esti
	L. 6	Dioses
	L. 8	i pocos tem a vocaçãõ pra ser Padr

⁵ Publicado com a autorização de Klebson Oliveira, a quem agradecemos.

⁶ Material da pesquisa sociolinguística do Prof. Dr. Dermeval da Hora, cedido para exemplificação no curso ministrado durante a XXI Jornada Nacional de Estudos Linguísticos (João Pessoa, set. 2006).

	L. 9	Esculido
	L. 10	da a ordem para ser Padre
	L. 12	nos já ouvimos o vimos falar
	L. 14	Muintos
	L. 16	Nosço
	L. 18	amerca latina
	L. 19	Nosços
	L. 22	nosças selebraçõ

LV1	L. 2	comesso
	L. 4-5	i hera muintos religi- / oso
	L. 8	i minha mãe ja encinava
	L. 10	Forgas i fui cresendo i
	L. 12	da quele
	L. 14	Mais
	L. 15	na queles
	L. 18	encinava Reza i trabalha

LV2	L. 4	Pra lumiar a noiti
	L. 6	i fazi renda
	L. 7	[↑ Fiava algudaõ pra fazer coberta]
	L. 9	Mais ele não encinou
	L. 13	i la eu aconpanhio
	L. 16-7	i eu / aconpanhiava
	L. 18	descubriu
	L. 19	Suletrando
	L. 20	Muintos alunos mais
	L. 21-2	nos não tinha ves de pa / ça na çala de Aula

LV3	L. 1	Xamou
	L. 3	que estava amarado
	L. 4	Nestes nomes Carlos magnos
	L. 5	cacophonia i amphilofo
	L. 6	i Lindolpho eu passei
	L. 8	Sepo; i os 3
	L. 10	e eu encinei a tarte toda
	L. 11	a te eles aprederam Soletra
	L. 12	Estes nomes por que o p
	L. 13	Servia de f e por ai foui
	L. 18	ias oração
	L. 20	i continuava
	L. 21	que des no prin- / cipio
	L. 23	Criz

LV4	L. 1	i ceca i necessidade
	L. 2	Adoeseu
	L. 4	Paratife
	L. 7	Ganhaio
	L. 9	Muintos
	L. 12	Recurço
	L. 16	purgante de azeite carcinado

LV5	L. 2	Resebeu
	L. 3	Aseite
	L. 6	Vigui

	L. 10	Munto
	L. 15	Çaida
	L. 16-7	nos ia caza

LV6	L. 1	requejão
	L. 6	Nasseu
	L. 7-8	Mais / derepente foi a riba gordinho
	L. 11	ele adoeseu e ajente tratando
	L. 12	i fui
	L. 19	foi percizo cortar
	L. 20	i ainda
	L. 22-3	Mais 10 [↑anos] mais não fez mais / nada

LV7	L. 2-3	eu ganhei 11 / filho 5 doenti i 6 Saõ
	L. 16	para euviver em Comonidade
	L. 18	Comonidade
	L. 21	sim eu aseito
	L. 23	Bibilio mais com muinto

LV8	L. 1	eu aseito
	L. 3	Muito
	L. 4	Bibilia i
	L. 5	ispriçaçõ
	L. 6	comessou
	L. 8-9	a plantacaõ da / Comonidade i
	L. 11	faliceu i
	L. 15	çaia sorindo i dia de sair
	L. 16	Más
	L. 20	Comonidade

LV9	L. 3	na quela
	L. 6	treis filhos
	L. 7	Deus não Dezampara ninguem
	L. 9	Vigui
	L. 12	me ajudou acaba
	L. 15	Pegui; i Hoje
	L. 21	Comonidade

LV10	L. 1	Nacer
------	------	-------

Duas séries de fatos lingüísticos foram diagnosticados: fatos de língua documentados na *scripta* oitocentista e fenômenos de escrita que refletem fatos da língua contemporânea.

Fenômenos de escrita oitocentista que refletem fatos de língua

Nos excertos dos textos oitocentistas editados por Oliveira (2006), cinco fenômenos podem ser apontados: (i) a separação ou a união de palavras (juntura externa), devidas à interpretação dos segmentos de escrita pelo *scriptor*; (ii) a oscilação gráfica das vogais átonas pretônicas; (iii) a grafia dos ditongos crescentes em sílaba átona e decrescentes em sílaba tônica; (iv) as vacilações gráficas relativas aos fonemas fricativos /s/ e /z/;

(v) as vacilações relativas à grafia da vibrante, depois de consoante e em coda silábica. Exemplos desses fenômenos são demonstrados nos dados que seguem.

1) a separação ou a união de palavras (juntura externa), devidas à interpretação dos segmentos de escrita pelo *scriptor*;

separação	união
de mostrar (507)	fesce (863)
Des monstrativo(840)	Deuse (863)
tao bem~ taõ bem (863)	
com forme (863)	
Sobre Escrevi (863)	

2) a oscilação gráfica das vogais átonas pretônicas;

Anteriores	posteriores
Dispezas (840)	commonico (507)
Dispeza (840)	Duentes (863)

3) a grafia dos ditongos crescentes em sílaba átona e decrescentes em sílaba tônica;

crescente [-ton]	decrescente [+ton]
Relatoro (840)	Pedeiro (840)
	Tezorero (840)

4) as vacilações gráficas relativas aos fonemas fricativos /s/ e /z/;

<s>~<S> ~<C> ~<ç> ~<sc> eq. [s]	<z> eq. [z]
serto (507)	Dispezas (840)
Ceçaõ (840)	Dispeza (840)
Sosio (840)	Tezorero (840)
Sosios (840)	
Reseitas (840)	
Fis (863)	
Deuse (863)	
fesce (863)	

5) as vacilações relativas à grafia da vibrante, depois de consoante e em coda silábica.

[C _R]	[_{Rcoda} C]
imperterivelmente (507)	serto (507)
de mostrar (507)	Jonal (840)
Des monstrativo (840)	com for / me (863)
Pedeiro (840)	

Fenômenos de escrita que refletem fatos da língua contemporânea

Por sua vez, os excertos dos manuscritos de D. Aureliana, estudados por Dermeval da Hora, documen-

tam a existência de quatorze fenômenos: (i) a separação ou a união de palavras (juntura externa), devidas à interpretação dos segmentos de escrita pelo *scriptor*; (ii) a oscilação gráfica das vogais átonas pretônicas; (iii) a grafia dos ditongos crescentes em sílaba átona e decrescentes em sílaba tônica; (iv) a prolação da nasalidade; (v) as vacilações gráficas relativas aos fonemas fricativos /s/ e /z/; (vi) as vacilações relativas à grafia da vibrante, tanto da vibrante múltipla, como da simples depois de consoante e em coda silábica; (vii) a grafia da sibilante palatal [j]; (viii) a simplificação ou o apagamento da átona postônica em posição final absoluta; (ix) o apagamento da vogal postônica em posição medial; (x) as grafias com rotacismo; (xi) as grafias que mostram o desenvolvimento de [y] diante de sibilante; (xii) a grafia da nasal palatal [ɲ]; (xiii) a grafia de consoantes surdas; (xiv) a grafia com desenvolvimento de vogal de apoio no grupo [C+]. Esses casos são ilustrados pelos dados explicitados a seguir.

1) a separação ou a união de palavras (juntura externa), devidas à interpretação dos segmentos de escrita pelo *scriptor*;

separação	união
Com migo (DA 1)	ias (LV 3)
A conpanho (DA 2)	derepente (LV 6)
O Santo /o ofisio (DA 1)	euviver (LV 7)
da quele (LV 1)	
na queles (LV 1)	
A te (LV 3)	
des no (LV 3)	
A riba (LV 6)	
A jente (LV 6)	
na queela (LV 9)	

2) a oscilação gráfica das vogais átonas pretônicas;

anteriores	posteriores
i (coord.) (DA 1)	almucava (DA 1)
esquicia (DA 1)	esculido (DA 2)
faliceu (DA 1, LV 8)	Algudaõ (LV 2)
conhicado (DA 2)	Suletrando (LV 2)
ispriçaõ (LV 8)	Soletra (LV 3)
	Comonidade (LV 7, LV 8, LV 9)

3) a grafia dos ditongos crescentes em sílaba átona e decrescentes em sílaba tônica;

crescente [-ton]	crescente [+ton]
ouvimos ~ o vimos (DA 2)	criu (DA 1)
	descubriu (LV 2)
	mais (LV 2)

decrecente [+ton]	
pocos (DA 2)	vigui (LV 5)
xamou (LV 3)	requejão (LV 6)
foui (LV 3)	vigui (LV 9)
comesso (LV 1)	Pegui (LV 9)
comessou (LV 8)	ajudou (LV 9)

4) a prolação da nasalidade;

prolação
muinta (DA 1)
muinto (DA 1, LV 8)
muintos (DA 2, LV 1)
munto (LV 5)

5) as vacilações gráficas relativas aos fonemas fricativos /s/ e /z/;

<s> ~ <S> ~ <ss> ~ <c> ~ <sc> eq. [s]	<s> ~ <z> eq. [z]
ofisio (DA 1)	rezá (DA 1)
matase (DA 1)	pizar (DA 1)
almucava (DA 1)	religi/oso (LV 1)
sose (DA 1)	azeite (LV 4)
esquicia (DA 1)	caza (LV 5)
faleceu ~ faliceu (DA 1)	percizo (LV 6)
conhecido (DA 2)	Dezampara (LV 9)
nosço ~ nosços ~ nosças ~ nosso (DA 2)	
suseçor (DA 2)	
selebração (DA 2)	
comesso (LV 1)	
encinava (LV 1)	
cresendo (LV 1)	
pa/ça (LV 2)	
çala (LV 2)	
sepo (LV 3)	
ceca (LV 4)	
necessidade (LV 4)	
adoeseu (LV 4, (LV 6))	
recurço (LV 4)	
resebeu (LV 5)	
aseite (LV 5)	
çaida (LV 5)	
nasceu (LV 6)	
aseito (LV 7, LV 8)	
ispricação (LV 8)	
comessou (LV 8)	
çaiá (LV 8)	
sair (LV 8)	
nacer (LV 10)	

6) as vacilações relativas à grafia da vibrante, tanto da vibrante múltipla, como da simples depois de consoante e em coda silábica;

[r]	[C _R]	[_{Reoda} C]
aranxados (DA 1)	aprederam (LV 3)	coberta (LV 2)
amarado (LV 3)	Soletra (LV 3)	recurço (LV 4)
sorindo (LV 8)	Percizo (LV 6)	cortar (LV 6)
	ispricação (LV 8)	

7) a grafia da sibilante palatal [j];

<x> eq. [j]
aranxados (DA 1)
xamou (LV 3)
ispricação (LV 8)

8) a simplificação ou o apagamento da átona postônica em posição final absoluta;

sose (DA 1)	Reza i trabalha (LV 1)
Dioses (DA 2)	lumiár (LV 2)
Padr ~ Padre (DA 2)	fazi (LV 2)
criz (LV 3)	pa/ça (LV 2)
paratife (LV 4)	Soletra (LV 3)
	caza (LV 5)
	acaba (LV 9)

9) o apagamento da vogal postônica em posição medial;

Amerca (DA 2)

10) as grafias com rotacismo;

forgas (LV 1)
azeite carcinado (LV 4)

11) as grafias que mostram o desenvolvimento de [y] diante de sibilante;

mais (LV 1)
ves (LV 2)
más (LV 8)
treis (LV 9)

12) a grafia da nasal palatal [ɲ];

aconpanhio (LV 2)
aconpanhiava (LV 2)
Ganhaio (LV 4)

13) a grafia de consoantes surdas;

vigui (LV 5)
vigui (LV 9)

14) a grafia com desenvolvimento de vogal de apoio no grupo [C+l].

Bibilio ~ bibilia (LV 7, LV 8)

À guisa de conclusão

Dessas séries de fenômenos, cinco são recorrentes nas duas séries de textos de mãos inábeis: a separação ou a união de palavras (juntura externa), devidas à interpretação dos segmentos de escrita pelo *scriptor*; a oscilação gráfica das vogais átonas pretônicas; a grafia dos ditongos crescentes; as vacilações gráficas relativas aos fonemas fricativos /s/ e /z/; as vacilações relativas à grafia da vibrante.

Os dados mostram ainda observações pertinentes do falante alfabetizado sobre a pseudo-etimologizante: “nestes nomes Carlos magnos / cacophonia i amphifloio / i Lindolpho eu passei” (LV 3, L. 4-6), a que se segue: “e eu encinei a tarte toda / a te eles aprederam Soletra / estes nomes por que o p / servia de f e por ai foui” (LV 3, L. 10-13). Há também o registro lado a lado das vacilações gráficas: “mais 10 [↑anos] mais não fez mais / nada” (LV 6, L. 22-23).

Os registros aqui destacados não são mais do que indícios apontados pelos dados da *scripta*, mas sua análise poderá servir para mostrar caminhos no ensino da escrita da língua portuguesa, sobretudo nas comunidades periféricas e para a população de jovens e adultos. O conhecimento desses desvios da norma padrão por usuários da língua com pouca habilidade na escrita mostram interferências da fala na escrita.

Um levantamento exaustivo de fatos dessa natureza pode ser comparado com aqueles desvios encontrados na escrita de jovens e adultos e podem representar interferência da fala na escrita. Um diagnóstico desses fatos, considerados no plano histórico da língua, poderá vir a auxiliar o professor nas classes de jovens e adultos.

Referências

- BLANCHE-BENVENISTE, C. 1998a. Establecimiento del texto. In: C. BLANCHE-BENVENISTE, *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Barcelona, Gedisa, p. 129-150.
- BLANCHE-BENVENISTE, C. 1998b. Lo Hablado y lo escrito. In: C. BLANCHE-BENVENISTE, *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Barcelona, Gedisa, p. 29-64.
- CASTILHO, A.T. de. 1995. A Língua falada e sua descrição. In: *PARA SEGISMUNDO SPINA: língua, filologia e literatura*. São Paulo, Iluminuras/EDUSP/FAPESP, 70 p.
- CONTRERAS, L. 1994. *Ortografía y grafémica*. Madrid: Visor, 221 p.
- FERREIRA, A.B. de H. 1972. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 10ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1338 p.
- GRÉSILLON, A. e LEBRAVE, J. 1983. Avant-propos. *Langages*, 69:5-10.
- HERKENHOFF, P. 1996. Letras e escritas. In: P. HERKENHOFF, *Biblioteca Nacional: a história de uma coleção*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Salamandra, p. 109-125.
- ILLICH, I. 1995. Um Apelo à pesquisa em cultura escrita leiga. In: D.R. OLSON e N. TORRANCE (eds.), *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo, Ática, p. 35-54.
- KITTAY, J. 1995. Pensando em termos da cultura escrita. In: D.R. OLSON e N. TORRANCE (eds.), *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo, Ática, p. 179-186.
- LASS, R. 1997. *Historical linguistics and language change*. Cambridge, CUP, 452 p.

- MARCUSCHI, L.A. 2001. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2ª ed., São Paulo, Cortez, 133 p.
- MARTÍNEZ ORTEGA, M. de los Á. 1999. El Error gráfico o *lapsus calami* en los textos jurídicos. In: M. de los Á. MARTÍNEZ ORTEGA, *La Lengua de los siglos XVI y XVII a través de los textos jurídicos: los pleitos civiles de la escribanía de Alonso Rodríguez*. Valladolid, Secretariado de Publicaciones/Intercambio Editorial/Universidad de Valladolid, p. 23-42.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. 1976. *Textos medievales españoles: ediciones críticas y estudios*. Madrid, Espasa-Calpe, 552 p.
- NARASIMHAN, R. 1995. Cultura escrita: caracterização e implicações. In: D.R. OLSON e N. TORRANCE (eds.), *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo, Ática, p. 189-210.
- NIEDEREHE, H. 1987. *Alfonso X el Sabio y la lingüística de su tiempo*. Madrid, Sociedad General española de Librería, 251 p.
- OLIVEIRA, F. de. 1975 [1536]. *A Gramática da linguagem portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p. 51-52.
- OLIVEIRA, K. 2006. *À Escuta de novas vozes no português escrito no Brasil: edição semidiplomática e estudos lingüísticos de atas baianas oitocentistas*. Salvador, BA. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia – UFBA, 1198 p.
- REIS, C. e MILHEIRO, M. do R. 1989. *A Construção da narrativa queirosiana: o espólio de Eça de Queirós*. Lisboa, IN/CM, 448 p.
- SAMPSON, G. 1996. *Sistemas de escrita: tipologia, história e psicologia*. São Paulo, Ática, 240 p.
- TAVANI, G. 1988. Los textos del siglo XX. In: A. SEGALA (ed.), *Littérature latino-américaine et des Caraïbes du XX^e siècle: théorie et pratique le l'édition critique*. Roma, Bulzoni, p. 53-63.
- TEBEROSKY, A. 1998. Introducción. In: C. BLANCHE-BENVENISTE, *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Barcelona, Gedisa, p. 9-17.
- TROUBETZKOY, N.S. 1935. *Anleitung zu phonologischen Beschreibungen*. Association internationale pour les études phonologiques. Brno, Editions du Cercle Linguistique de Prague, 32 p.
- TROUBETZKOY, N.S. 1969. Note pour une science pure de l'écriture. In: *Le Cercle de Prague*. Paris, Seuil, p. 85-87.
- TROUBETZKOY, N.S. 1972. Notas para una ciencia pura de la escritura. In: *El Circulo de Praga*. 1972. Valparaíso, Ed. Universitarias de Valparaíso, p. 79-84.
- VACHEK, J. 1966. Writing and phonetic transcription. In: E.P. HAMP; F.W. HOUSEHOLDER; R. AUSTERLITZ e M. JOOS, *Readings in Linguistics II*. Chicago/London, The Univ. of Chicago Press, p. 152-127.

Submetido em: 10/07/2007

Aceito em: 05/03/2008

Célia Marques Telles

UFBA, CNPq

Salvador, Bahia, Brasil